

CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA NA FORMAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

Silvana Dias Cardoso Pereira^{*}

David da Silva Pereira^{**}

Resumo: Este artigo trata das experiências de leitura como mobilizadoras da memória no processo de formação docente de uma turma de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Privada localizada às margens da Rodovia Anhanguera em Campinas SP. Nessa investigação foram empregados autores como Manguel, Cândido, Chartier e Petit como fundamentos de uma leitura humanizadora. No último ano do processo de formação inicial, os licenciandos foram convidados a resgatarem suas memórias de leitura e perceber o quanto são significativas em suas narrativas. Com isso, projetaram suas participações no itinerário formativo de seus futuros alunos em um processo que por meio do resgate da memória de leituras contribui no processo de implementação dos princípios da Educação em Direitos Humanos no ambiente escolar. Nesse processo, a contribuição da leitura se revelou significativa no resgate da dignidade da pessoa humana, valor maior da República brasileira. Nessa perspectiva, pretende-se oferecer uma contribuição aos estudos relacionados à leitura e suas relações com os princípios da Educação em Direitos humanos na formação inicial docente.

Palavras-chaves: Educação. Leitura. Direitos Humanos. Formação Humanizadora.

Introdução

Conforme o Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2012), a Educação é reconhecida como um dos Direitos Humanos. Pode a leitura ser tomada no processo de aquisição gradativa de direitos como um meio para que esses direitos do homem passem a ser reconhecidos, incentivados, compartilhados e

^{*} Professora Assistente do IESCAMP. Mestre em Educação, Bacharel em Direito e Licenciada em Pedagogia. Atua no Curso de formação inicial de professores de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Licenciatura em Pedagogia – IESCAMP-Campinas/SP). Atuou como professora de Educação Básica da rede pública estadual de São Paulo (1998-2006). E-mail: pereirasilvana319@yahoo.com.br.

^{**} Professor Adjunto da UTFPR. Doutor em Ciência Política, Mestre em Educação, Bacharel em Direito e Licenciado em Pedagogia. Atua nos programas de formação inicial de professores (Licenciatura em Matemática – UTFPR-Cornélio Procopio) e de formação continuada em nível de Mestrado Profissional em Ensino (PPGEN–UTFPR-Londrina). Atuou como professor da Educação Básica pública estadual de São Paulo (1997-2010) e supervisor de ensino (2008-2012). E-mail: davidpereira@utfpr.edu.br.

valorizados. Ainda mais porque a leitura está no cerne do desafio de ser ela, a Educação, o motor de mudanças sociais

A leitura, vista sem preconceitos, ajudará a reposicionanar os sujeitos e suas leituras, comunidades e grupos que são excluídos do conceito de leitores em razão de terem suas histórias de leitura afastadas da Grande Literatura.

Nesse sentido, Abreu (2006) convida a refletir sobre essa temática ao colocar em questão o conceito de Literatura e olhar para os textos enquanto texto e não para as legitimações social, histórica e politicamente aceitas.

Dessa forma, devem ser vistas como leituras todas as menções dos alunos às memórias de textos, respeitadas as suas origens, credos, convicções, e não procurar naquelas e em seus relatos leituras elencadas nos manuais de literatura ou nas listas dos melhores livros do século ou coisa semelhante.

É preciso, pois, respeitar a inserção cultural de cada um e entender que as leituras, interpretações e valorização de determinados textos podem ser diferentes dependendo do grupo em que o indivíduo se insere.

Esse olhar para os sujeitos e suas leituras contribuirá para promoção de uma educação democrática e cidadã: “uma educação que se compromete com a superação do racismo, sexismo, homofobia e outras formas de discriminação correlatas e que promova a cultura da paz e se posicione contra toda e qualquer forma de violência” (BRASIL, 2012).

1 Desenvolvimento

A leitura é um direito humano porque tem papel fundante na humanização. Essa ideia vem bastante forte quando da leitura do texto de Manguel (2009): “Como Pinocchio aprendeu a ler”, em que ele afirma que “Pinocchio se torna um bom menino que aprendeu a ler, mas nunca chegará a se transformar em um leitor”, pois ler não está apenas na capacidade de decifrar o código, mas na aprendizagem de como esse código, conhecido de forma profunda, está imbricado no conhecimento do mundo e também interior.

Ler com profundidade remete o leitor para sua própria identidade, para o reconhecimento de suas experiências nos relatos lidos e, assim, como participante de um grupo maior, acolhido democraticamente na sociedade uma vez que protagonista de histórias vividas por outros, em outros lugares e outras culturas.

Cândido (1972) discute a função humanizadora da literatura. Sua importância para a necessidade de ficção que se manifesta constantemente no homem. Para o autor, as obras

literárias podem atuar de modo consciente e inconsciente, atingindo as camadas profundas da personalidade, atuam na formação de uma criança e adolescente na mesma proporção que a escola e a família. Para ele, a literatura “... humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

Petit (2009), pesquisadora do Laboratório de Dinâmicas Sociais e Recomposição dos Espaços/CNRS/França, traz a capacidade de construir sentido que a leitura tem na vida de pessoas com experiências de vida permeadas por conflitos armados, desequilíbrio social ou outras condições extremas.

Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, no seu poema *Infância*, faz pensar o quanto nossa história pode ser mais bonita que as narradas nos textos literários: “E eu não sabia que a minha história era mais bonita que a de Robinson Crusóé”.

São vários os autores que trazem em sua própria obra as memórias de textos lidos, dando a dimensão do quanto às leituras feitas na infância e juventude marcaram suas histórias de vida. Dentre eles, são fundamentais: Jorge Luis Borges, Marcel Proust, Elias Canetti, João Ubaldo Ribeiro.

Assim, as memórias de leitura são fundamentais para que o sujeito também se valorize e sinta-se inserido social e politicamente, capaz também de valorizar a leitura de seu semelhante.

Dessa forma, procura-se esse reconhecimento da importância da leitura para professores em formação já nos anos finais da Licenciatura em Pedagogia, momento em que já estão dentro das salas de aula nos momentos de estágio e prestes a atuar como profissionais da educação. Nesse sentido, é imprescindível que esses futuros docentes se identifiquem enquanto sujeitos leitores e identifiquem também em seus alunos os leitores que são.

2 Resultados

A experiência da docência no ensino superior tem permitido o contato com alunos do curso de Pedagogia em instituição de ensino às margens da Rodovia Anhanguera. São professores em formação com os quais a convivência tem se tornado fonte de aprendizado e de possibilidades antes não visitadas no campo da pesquisa em leitura, especialmente no que diz respeito às histórias de leitura – memórias – envolvendo o livro.

Tal interesse pelas memórias de leitura é um pouco mais antigo. Vem das histórias ouvidas antes de dormir, quando criança, mas sem que as fontes jamais fossem identificadas. No entanto, foram reconhecidas depois, já no mundo das letras. Provêm também de leituras

em que os autores fizeram referências diretas, intrigantes, apaixonadas pelos livros lidos e pelas situações todas envolvidas, particularmente Marcel Proust e Elias Canetti.

A pesquisa – de caráter qualitativo – centra-se no leitor e sua relação com o livro e se utiliza de questionários abertos e entrevistas, considerando que as memórias vêm pelo ouvir as histórias de quais livros foram lidos, quando, como, com quem, em que lugar, de que forma chegaram às mãos dentre outras tantas questões que poderão surgir: “Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido.”(PROUST, 2011, p. 9)

Assim como Marcel Proust, Elias Canetti e tantos outros autores que alcançaram notoriedade e expressaram sua relação com o livro, essa pesquisa almeja encontrar esses sentimentos em pessoas “comuns”, no “homem ordinário”, o aluno, a aluna que depende de subvenção do Estado para manter seu curso, que trabalha em subempregos durante o dia e vai à faculdade à noite, que sonha com a formação e novas possibilidades:

[...]A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTAU, 1994, p. 39).

É no referencial teórico da Nova História Cultural que se vislumbra a possibilidade de olhar para o indivíduo e sua relação com livro e procurar compreender a apropriação feita, pois “cada leitor, cada espectador produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe” (CHARTIER, 1999, p. 19).

No caso desses licenciandos, conforme a sugestão de Petit (2009), a leitura exerce uma função de resistência, uma vez que venceram muitos obstáculos para chegarem à Educação Superior e é significativo que tenham feito a opção pela docência. Suas memórias de leitura revelam que tiveram esperança mesmo em meio às adversidades e à luta pela sobrevivência.

Foram pesquisados 17 alunos do 5º Semestre do curso de Pedagogia, sobre suas experiências com a leitura em questionário aberto com seis perguntas sobre práticas de leitura. As questões se referiram ao gosto pela leitura, às primeiras ideias sobre o que pensam sobre leitura, onde, quando, como leem e, por fim, às lembranças de livros lidos na escola e fora dela.

Os questionários foram distribuídos para todos os alunos sem a obrigatoriedade de devolução, mas com a orientação de que seriam importantes para subsidiar o trabalho pedagógico e para conhecer um pouco sobre a leitura deles.

As memórias de leitura relatadas mostram as mais variadas leituras: O Fantasma do Tio Willian, A Pata da Gazela, Crônicas de José de Souza, O Pequeno Príncipe, Um Amor em Paris, Grávida aos 14, Carandiru, 50 Tons de Cinza, Saga Crepúsculo, A Cabana, Cartilha do A,B,C, Triste fim de Policarpo Quaresma, romances de Sidney Sheldon, Nora Roberts, Judith McNaught, Montanha Encantada, A menina que roubava livros, O vendedor de sonhos, O sementeiro de ideias, O Uruguai, O Sítio do Pica-pau amarelo, Dom Casmurro, Iracema, Os Lusíadas, Memórias Póstumas de Bras Cubas, O Guarani, O Caçador de Pipas, As Memórias do Livro, a Menina que não sabia ler, Querido John, O melhor de mim, Inverno em Kabul, O Auto da barca do inferno, A Moreninha, Antologia Poética de Vinícius de Moraes, O Vampiro que descobriu o Brasil, O diário secreto de Laura Palhares, O Senhor dos Anéis, O Hobbit, A Herança, Crônicas de Gelo e Fogo.

Entre os 17 alunos, foram 16 conjuntos de respostas de mulheres e uma de um homem, que, para manter-se estudando exerce a profissão de servente de pedreiro.

Em comum, residem na periferia de uma metrópole, continuam lutando pela sobrevivência por meio de jornadas extensas na construção civil, como carteiros, vendedoras em lojas do comércio e, em casa, quase nenhum livro. Suas referências de bibliotecas são sempre de escolas públicas, ou escolares ou municipais.

E memórias não são apenas listas, uma das alunas afirma: “[...], mas um livro que me marcou que foi o primeiro que li na infância que minha mãe pegou na prefeitura para mim foi A montanha encantada de Maria José Dupré, que tenho até hoje e a Bíblia, por seus ensinamentos e conforto.”

Por isso e muito mais que olhar para o leitor e sua relação com a leitura, além do significado dela, exige rigor metodológico e referencial teórico que abarque múltiplas possibilidades. Compreendê-lo e percebê-lo não é tarefa fácil. Exige abertura para compreender como as práticas de leitura, quaisquer que sejam elas, estiveram presentes nos percursos. É necessário estar atento para compreender, nas narrativas que constituem cada um desses leitores, as alusões a essas práticas e o significado delas para cada um.

Assim é que aqui foram apresentados dados da pesquisa em sua gênese, com muito ainda a ser aprofundado. Com a certeza, no entanto, de já contribuir para conhecer um pouco mais o leitor, quem quer que ele seja e onde quer que esteja.

É dessa forma que o resgate da memória de futuros docentes revaloriza suas trajetórias e sugere, na prática, formas de que também eles ajam com seus alunos, na direção da valorização dos sujeitos e de seus itinerários formativos.

Trabalhar com generosidade em sala de aula é cumprir a Educação em Direitos Humanos (EDH) por meio daquilo que é a sua essência – a dignidade da pessoa humana. E quem cumpriu esse principal valor da EDH já internalizou em sua prática o respeito ao aluno, a promoção de seu desenvolvimento e a valorização de seu itinerário.

Considerações finais

O Parecer da Educação em Direitos Humanos é revelador das possibilidades de transformação do ambiente escolar por meio das práticas educativas.

Contudo, faz-se necessária uma preparação dos profissionais envolvidos a fim de que atuem de modo a estimular o desenvolvimento e a motivação dos alunos.

Nesse sentido, a leitura oferece um conjunto de possibilidades capaz de resgatar as memórias da vida e as memórias de leitura em um itinerário que sobrevaloriza trajetórias e permite que o encantamento e o mundo dos sonhos possibilitado pelas letras passe a participar da vida.

No processo de formação inicial docente, bem como na formação continuada, é fundamental estimular o uso da leitura pelo conjunto dos profissionais em formação (não apenas por aqueles que se dedicarão à Língua Portuguesa e à Literatura). É nesse sentido que a leitura liberta e pode estimular educadores e educandos a tornarem a escola um lugar mais rico em encontros e na construção de sonhos.

Referências

BRASIL. CNE. CP. **Parecer nº. 08/2012 – Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**, homologado pelo Ministro da Educação mediante despacho de 30 de maio de 2012. Brasília: Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação, 2012.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, R. **Escutar os mortos com os olhos**. Trad. Jean Briant. São Paulo: IEA-USP, 2009.

CANETTI, El. **A língua absolvida**: historia de uma juventude. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

MANGUEL, A. Alfabeto da esperança: escritores pela alfabetização. – Brasília: UNESCO, 2009. 108 p.

PETIT, M. **A Arte de ler ou como resistir à diversidade**. São Paulo, Ed. 34, 2009.

PROUST, M. **Sobre a leitura**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.